

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

13, 18 e 27 de Novembro de 2025

Westward the Women / 1951

Caravana de Mulheres

Um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Charles Schnee, baseado na história original de Frank Capra, "Pioneer Women" *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1,1:37): William C. Mellor *Montagem:* James E. Newcom *Supervisão da montagem:* Margareth Booth *Direcção Artística:* Cedric Gibbons, Daniel B. Cathcart *Cenários:* Edwin B. Wallis, Ralph S. Hurst *Conselheiros técnicos:* Jim Louch, Chefe Nipo T. Strongheart *Conselheiro técnico lutas:* Johnny Indrisano *Registo de som* (Western Electric): Douglas Shearer *Guarda-roupa:* Walter Plunkett *Caracterização:* William Tuttle *Música original:* Jeff Alexander *Canção:* "To the West! To the West!", melodia de Harry Russell *Interpretação:* Robert Taylor (Buck Wyatt), Denise Darcel (Fifi Danon), Hope Emerson (Patience Hawkey), John McIntire (Roy E. Whitman), Julie Bishop (Laurie Smith), Beverley Dennis (Rose Myers), Marilyn Erskine (Jean Johnson), Lenore Lonergan (Maggie O'Malley), Guido Martuffi (Antonio Moroni), Henry Nakamura (Ito), Renata Vanni (Sra. Moroni), Bruce Cowling ("Cat"), Patrick Conway (Sid Cutler), Chubby Johnson (Jim Stacey), Mary Alan Hokanson (Cora), Raymond Bond (padre), Terry Wilson (Lon), Michael Dugan (batedor), George Chandler, Edith Mills (Sadie), John Cason (o homem de Margaret), Mikel Conrad (o homem de Rose), Frankie Darro (o homem de Jean), Z. Yaconelli (o homem da Sra. Moroni), Ted Adams, Gene Roth (empregados do bar), George Chandler (cara de Mackerel), Earl Hodgins (bêbedo), Stan Jolley (jogador), John War Eagle (chefe índio), Bert LeBaron (Ken), Elmer Napier (Walt), Tom Greenway (Bart), Fiona O'Shiel (primeira mulher), Kathleen O'Malley (segunda mulher), Tom Monroe (primeiro homem), Tennessee Jim (segundo homem), Claire Carleton, Dorothy Granger, Mil Patrick, Joan Valerie (raparigas vistas), Henry Wills, Ed Juarequi, Archie Butler, Bill Cartledge, Carl Pitti, Pat Ford, Frank McGrath, Don House, Ray Thomas, Shirley Lucas, Pat Paul, Donna Hall, Opal Erne, Norma Santillo, Norma Young, Jody Smith, Mary Murphy, Sharon Lucas, Mary Casiday, Cornelia Flores, Marilyn Lindsey, Marilyn Gladstone, Alice Markham, Polly Burson, Evelyn Finley, Doris Lee Cole (mulheres pioneiras).

Produção: MGM (EUA, 1951) *Produtor:* Dore Schary *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, versão original em inglês legendada electronicamente em português *Duração:* 116 minutos *Título de trabalho:* "Pioneer Women" *Estreia:* 31 de Dezembro de 1951, Capitol, Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 11 de Junho de 1953, São Jorge, Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca:* 30 de Outubro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

Nota

***Westward the Women* é apresentado, além das sessões previstas a 13 e 27 de Novembro, também na sessão do dia 18, às 19 horas, substituindo uma das passagens de *The Lady of Burlesque* cuja cópia disponível (um DCP) não tem infelizmente qualidade de projecção que permita a exibição pública.**

WESTWARD THE WOMEN é um filme raro que retrata coragem e perseverança extraordinária nas mulheres; é um monumento às mulheres do passado e do presente, um tributo ao espírito pioneiro e à qualidade indómita da vontade humana.

Frank T. Thompson (*William A. Wellman*, 1983)

Esta obra-prima de Wellman não é só um dos exemplos maiores do género, é também (e peso bem as palavras) o melhor western histórico de sempre, ou alargando a definição, um dos melhores filmes históricos jamais feitos. É toda a história da criação dos Estados Unidos que aqui surge exposta de forma lapidar e exemplar. E a sua virtude maior é que tal é feito não através de sumptuosas e presunçosas reconstituições históricas, mas através de uma história linear e simples, mais aparentado à modesta série B (todo filmado em exteriores e apenas com uma vedeta, Robert Taylor) e de que estão completamente ausentes os *clichés* mais tradicionais do género. Ou melhor: o que é absolutamente fantástico neste filme é que tudo (mas tudo) está lá e... não está.

Manuel Cintra Ferreira ("folha" da Cinemateca, 1993)

Se pensarmos em como as mulheres abriram caminho para o centro dos westerns na década de 1950 (Joan Crawford em JOHNNY GUITAR, Barbara Stanwyck em FORTY GUNS), é estranho quão raramente o fabuloso retrato colectivo do grupo de mulheres por Wellman é mencionado nas listas dos grandes westerns dos anos 1950, a grande década do género. THE OXBOW INCIDENT e YELLOW SKY podem ter mais reputação e, não obstante, WESTWARD THE WOMEN é um forte candidato a melhor western. Trata-se de uma travessia feminina, pese embora liderada por Robert Taylor, que regressa mais ou menos à história de RED RIVER. A narrativa é menos profunda do que a obra-prima de Hawks e, em certo sentido, é mais dura, mais realista em relação às dificuldades e aos dados factuais da perda. Outro grande filme contemporâneo, WAGON MASTER de Ford, é, em comparação, quase romântico. Wellman era um tipo duro que conseguia criar uma combinação incrível de doçura e crueldade. É um elemento central do encanto de Wellman: imprevisibilidade total.

Peter von Bagh (Il Cinema Ritrovato, 2014)

E a viagem continua. Em *WESTWARD THE WOMEN*, é literal. *Caravana de mulheres* – o título português acerta por descritivo, atirando ao grupo de indivíduos que se juntam, procurando mais segurança, para cruzar desertos ou sítios perigosos. Uma travessia do Oeste, de Chicago à Califórnia, num filme de época – correm os anos 1880 – em fase com o pós-guerra da sua época de produção. De 1951, em sequência e no mesmo ano de *ACROSS THE WIDE MISSOURI*, é a quarta das doze longas-metragens filmadas por William A. Wellman nesse último decénio de cinema. Nada menos do que uma obra-prima, como bem viu Manuel Cintra Ferreira, de resto, aludindo a um dos elementos fulcrais da matéria de Wellman, a elipse que cava tantos buracos e lança tantas pontes em tantos dos seus filmes. Nada menos do que um western a emparelhar com *RED RIVER* de Hawks, *WAGON MASTER* de Ford, *JOHNNY GUITAR* de Ray, *FORTY GUNS* de Fuller, como fez Peter von Bagh, rol a que acrescento um título – *WOMAN THEY ALMOST LYNCHED*, o moderníssimo filme do pioneiro Allan Dwan (uma produção Republic de 1953), também a preto-e-branco, com poeira, trabalhos, garra a rodos, mulheres de saias. Nada menos do que um excepcional western, da grandeza, na obra de Wellman, de *THE OX-BOW INCIDENT* (1943) e *YELLOW SKY* (1948), e das suas ressonâncias políticas sobre a construção da América que continuam a ecoar na América contemporânea. De fulcro único como retrato colectivo das mulheres que construíram a América, que constroem o mundo, com a resistência que têm, a força que extravasam, as escolhas que fazem.

Nada que não possa dizer-se, acrescente-se, das personagens de Barbara Stanwyck logo em Wellmans dos anos 1930 como *SO BIG!* ou *PURCHASE PRICE*, não falando de *NIGHT NURSE* (também anos 30 pré-Código) e de *THE GREAT MAN'S LADY* (1942, outra história do faroeste no feminino) e do coro que a actriz encabeça em *THE LADY OF BURLESQUE* (o seu último Wellman em 1943), ou que não possa aproximar-se, pelo lado feminista *avant la lettre*, de *SAFE IN HELL* com Dorothy Mckail, também no pré-Código. Ou ainda, pelo lado das comunidades imigrantes, nada que não possa associar-se, também por aí, a *PURCHASE PRICE* (em que Stanwyck larga o mundo do espectáculo para ir ao encontro de um camponês com quem arranjou casamento por interposta pessoa e as fotografias certas) e ao seguinte *MY MAN AND I*, o “melodrama série B” em que Ricardo Montalbán interpreta o papel de um trabalhador migrante de origem mexicana que se sente acolhido pelo presidente dos EUA enquanto é vilmente perseguido por um lavrador para quem trabalhou (e pela mulher dele, que salva *in extremis* a decência do casal). No coral *WESTWARD THE WOMEN*, não por acaso, o colectivo implica (implicou) a escolha de actrizes anónimas, actores e actrizes que já dirigira, mas não estrelas. Wellman fez ponto de honra. É uma questão de protocolo que os créditos iniciais destaquem a vedeta masculina, Robert Taylor no papel de Buck, em rigor a única vedeta do elenco (e um grande amigo do cineasta), e o associem, em casal de personagens, a Denise Darcel (no papel de Fifi Danon), a actriz e cantora franco-americana de variedades, que participou em algumas produções de Hollywood e Wellman já dirigira em *BATTLEGROUND* (1949).

O que é de notar é como, ao cabo de duas intensas horas, ao plano final – um tratado de composição – com a inscrição *The end, Made in Hollywood, USA by Metro-Goldwyn-Mayer*, sucedem grandes planos de actrizes e actores identificados pelos nomes e pelos nomes das suas personagens: Beverly Dennis no papel de Rose, Renata Vanni no da Sra. Maroni, John McIntire no de Roy, Julie Bishop no de Laurie, Hope Emerson no de Patience, Marilyn Erskine no de Jean, Lenore Lonergan no de Maggie, Henry Nakamura no de Ito, com, a rematar, Denise Darcel-Danon, Robert Taylor-Buck e *The Women /as mulheres*, evocadas sobre uma vista geral da paisagem desértica com declive calcorreado em descida por um trilho de vultos femininos. Esta sequência-apêndice é na verdade um epílogo que sublinha uma última vez a dimensão colectiva do filme, e rima com uma sequência espantosa, um dos momentos das muitas vidas perdidas durante a viagem, ou mais rigorosamente, pós-vidas perdidas:

Roy, o organizador da caravana que pretende levar um grupo de centenas de mulheres à localidade que outros tantos homens estão a erigir em terras longínquas para que aí se fixem, e das noivas e noivos em terra virgem cresça uma verdadeira comunidade, fica fatalmente ferido na sequência de um ataque de índios nativos que volta a dizimar a caravana, causando ainda a morte do jovem Sid e seis mulheres – acontecimento em elipse de que são mostrados os efeitos, na razia de carroças incendiadas e no desgosto perplexo e cansado dos rostos

sobreviventes. Buck, que nessa altura cavalgara para longe do acampamento no encalço de Danon (fuga que resulta na cena de fúria romântica e num abraço contra todos os avisos do próprio Buck, instituída a regra do não-relacionamento amoroso-sexual durante a viagem), entende que é chegado o momento de desistir. Os homens que levara consigo já não estão, morreram ou desertaram, as mulheres, por rijas que se revelem, estão exaustas, sofreram baixas, enterraram mortos, enfrentaram cobras, areias movediças e desfiladeiros, ataques de homens dentro do grupo e nativos do Oeste americano, e, acredita ele, estão desmoralizadas. No vale seco depois da mortandade, desmoralizado ele mesmo com a morte de Roy, chama-as para que o oiçam e fala com o som do eco, clamando que contraria a última vontade – e a última convicção – de Roy. Não é possível continuar naquelas condições, voltarão para trás. Então o eco devolve-lhe a resposta da primeira, Patience, a mulher mais velha, grande, poderosa, de pretos trajes largos e chapéu, que antes víamos conduzir uma carroça por uma impossível escarpa, apoiada nos braços das companheiras, na ressaca de um acidente mortal com precedente tentativa. “Eu não volto.”

“Eu não volto.” As vozes das demais mulheres repetem o eco, na cadência grave e certa de quem está à altura da situação. “Muito bem, minhas senhoras, assim será. Quantas perdemos?” A resposta não são números, são nomes. E a imagem não mostra umas, mostra duas, um corpo vivo e um cadáver, que ocupam o plano à vez, intercalados pelo movimento ágil e certo da câmara que deixa um corpo para fixar o outro. Várias vezes. Na mesma cadência grave e séria, uma a uma, algumas mulheres dizem o nome de uma outra numa sequência culminante de dignidade humana. E a viagem continua, com mais agruras e mais provas, o realismo de Wellman, um temporal com lama e chuvada, mais despojamento e mais aridez até à miragem do destino, a que as mulheres não se apressam a chegar exigindo – aí, sim – o seu tempo e os seus trajes, a decência dos homens, um desfile em branco campestre antes do baile e do fim.

“Mulheres Pioneiras”. A história original é de Frank Capra, que a ofereceu ao amigo William A. Wellman pela pura e simples razão de saber que nunca os estúdios o deixariam filmar um western, que aquela história merecia ser filmada, que Wellman a filmaria muito bem. De facto. E *on location* em Surprise Valley, no deserto de Mojave, escolhido pela beleza da paisagem e topografia acidentada tomados como elementos pictóricos, qualidades da fotografia de William C. Mellor que, sob as instruções de Wellman, dispensou filtros construindo uma imagem crua, austera, que casa personagens e natureza, um dos seus melhores trabalhos alinhado, nos compêndios, aos de *A PLACE IN THE SUN* (George Stevens, 1951) e *NAKED SPUR* (Anthony Mann, 1953). Retrato da formação do país, como *PURCHASE PRICE*, ou ainda *ROBIN HOOD OF EL DORADO* (1936, o western que romantiza a vida do herói popular mexicano Joaquin Murrieta, o fora-da-lei) e *MAGIC TOWN* (1947, o reconhecidamente mais “capriano” Wellman), *WESTWARD THE WOMEN* conta essa saga de colonos aventureiros, emigrantes dos quatro cantos do mundo à procura de uma oportunidade, homens e mulheres.

O recrutamento de mulheres que começa o filme sob a imagem do cartaz a oferecer a possibilidade de uma vida nova e um marido na Califórnia, é uma sequência poderosa que mima, mimou, a realidade da rodagem, o que se não é explícito não deixa de ser verdadeiro, com Wellman a impregnar o filme da realidade dos seus bastidores ou vice-versa. Ficou relatado que o alerta às mulheres, personagens, para as dificuldades e riscos que as esperam na travessia, tal como a advertência que é pegar ou largar e que ainda podem desistir, aconteceu tal e qual com a escolha do elenco. As atrizes foram alertadas da mesma exacta maneira e da mesma exacta maneira das personagens aprontaram-se para três semanas de treino antes da partida (condução de carroças, cavalgadas, tiro, o diabo a quatro) para as onze semanas de previstas filmagens nas montanhas do Utah e no deserto da Califórnia onde garantidos seriam o cansaço, a sujidade e a demora.

Sabiam ao que iam, atrizes e personagens. O filme não as poupa, elevando a dignidade ao nível da dureza exigida, que tem na sequência dos derradeiros despojos uma pontuação sublime, quando para poderem enfrentar a última etapa da viagem as mulheres tisonadas do sol, batidas do vento, molhadas da chuva e da lama, esfarrapadas largam tudo o que é “acessório” para a sobrevivência da travessia, o que as obriga a descartarem a carga concreta e metafórica da vida passada, vindo, aliás, a permitir a bela sequência florida-

nupcial da chegada, com os novos tecidos, atilhos, flores e o arco das carroças tantas vezes filmado no contraste a negro a favorecer a imagem curva da clara harmonia, com silêncio e tudo. O ritual da escolha dos homens, feito de início, por fotografia, cumpre-se à chegada, sem a algaraviada inicial do corruptio pré-viagem, e sempre com elas a darem o passo e a firmarem a escolha, depois do avanço de Patience. À chegada ao vale de Roy Whitman, entretanto desaparecido, as mulheres de roupas rasgadas, rotas, exangues, dão-se o tempo de um banho no rio, também ele literal e metafórico. Para trás fica a travessia, a agreste realidade da viagem, onde à paisagem inóspita se sucedem os mais variados acidentes e dificuldades, com a vida que continua. É assim que tem de entender-se, a somar a tanta morte, a terrível morte accidental do miúdo italiano, filho da doce mulher italiana que a partir daí se cala e durante algum tempo tem de seguir viagem amarrada para se salvar de si mesma. É ela quem, no momento em que volta a proferir uma palavra, separa as duas mulheres que se atacam como se fossem dois homens armados em galifões. Basta-lhe lembrar prioridades, o que é o sofrimento, o que tem de ser a dignidade. É assim também que deve entender-se o que há de solidariedade feminina no filme, culminando na cena do nascimento em pleno deserto, dentro da carroça cujas rodas cedem e que as mulheres seguram aos ombros para que parturiente e parteira façam o seu trabalho. Até que o choro do bebé lava a dor das caras endurecidas das mulheres e a mãe italiana entoa de novo cantigas de embalar.

É ainda assim que tem de entender-se tamanha sensualidade, sentido de humor, minimalismo, o fio das emoções e o baixar do dramatismo nos mais dramáticos momentos, dados em eclipse ou ultrapassados porque tem de ser. Com uma honrosa ressalva e uma excepção espantosa. A ressalva é a cena do cão junto à sepultura da criança morta no acidente de tiro, quando as mulheres experimentam a necessidade de armas e pontarias: o cãozito que faz o resto da travessia no balde suspenso no travejamento de uma carroça, vem, na obra de Wellman, homem que gostava de cães, perfilar-se com vários outros, do São Bernardo de *THE CALL OF THE WILD* (1935) à esguia cadela de *GOOD-BYE, MY LADY* (1956). Em *WESTWARD THE WOMEN* ocupa o papel do que faz o luto abrindo o filme à sua única cena melodramática e é, nessa cena, acompanhado pela personagem bondosa e omnipresente do cozinheiro. Ito, interpretado pelo veterano da guerra da Coreia Henry Nakamura, que foi actor em Hollywood nos anos 1950 e Wellman também dirigiu em *BLOOD ALLEY* e *LAFAYETTE ESCADRILLE*, é o japonês baixinho que convence Buck a deixá-lo integrar a caravana no começo e que, ao longo de todo o filme, é o anjo da guarda de todos. É ele a excepção espantosa. O elo do passado migrante dos Estados Unidos da América com a contemporaneidade pós-guerra de 1951, assinalando essa outra ferida e essa outra necessidade de reconstrução. Ito, o baixinho com quem todos tantas vezes brincam, é o que toma conta, o que dá coragem, põe tino na cabeça de Buck, faz de cupido, incita os gestos que tardam, zela, desperta consciências, sacode maus pensamentos e dá boas ideias. Observador e testemunha, o anjo de *WESTWARD THE WOMEN* é quem, no plano final, fica sozinho, do lado esquerdo do enquadramento, emoldurado pela estrutura circular das carroças de cabeça baixa, voltada sobre o torso e o chapéu tirado da cabeça em sinal de respeito pela cerimónia colectiva dos casamentos dos outros. Assinala, desirmanado, a linha simétrica à correnteza dos casais do lado direito, com a sombra a projectar-se no chão daquela terra.

Maria João Madeira